

O estatuto de *nem* na gramática do português

Norma Barbosa Novaes Marques*

Erotilde Goretti Pezatti**

Resumo

Tradicionalmente a partícula ‘nem’ tem sido considerada uma conjunção aditiva, pois se entende que estabelece entre elementos uma relação de acréscimo. Etimologicamente, é proveniente do latim ‘nec’, um dos poucos jutores que restaram nas variedades vernáculas de latim, juntamente com ‘et’, ‘aut’, ‘magis’, ‘ca’, ‘post’ (cf. Nascentes, 1955). Para Neves (2000), ‘nem’ tem o mesmo papel de ‘e’, ou seja, é uma conjunção que marca uma relação de adição entre segmentos negativos coordenados, com significado básico de “e também não”. Como se pode observar, a autora considera ‘nem’ um elemento complexo, indicando acréscimo por meio de ‘e’ e ‘também’, e negação, por meio de ‘não’. Este trabalho tem como objetivo discutir o estatuto desse elemento, utilizando o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), tendo como hipótese a de que ‘nem’, tal como ‘não’, representa, morfossintaticamente, o operador de polaridade negativa, acrescida, no entanto, de ênfase. Para isso, utiliza o *corpus* do Projeto PHPB, constituído de documentos escritos no Brasil, dos séculos XVII ao XX. Os dados analisados revelam que ‘nem’ pode ocorrer numa relação de justaposição entre atos discursivos, ou entre termos de diferentes categorias semânticas, e representa, além da negação, uma estratégia de intensificação, utilizada pelo Falante para atingir seu propósito comunicativo.

Palavras-chave: *Nem*. Coordenação aditiva. Polaridade. Ênfase.

Apresentação

Este artigo tem como proposta discutir o estatuto de *nem* na gramática do português, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), utilizando o *corpus* do Projeto PHPB, constituído de

* União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo – UNIESP/José Bonifácio. Doutora em Estudos Linguísticos.

** Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' UNESP/São José do Rio Preto. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

documentos escritos no Brasil, dos séculos XVII ao XX¹. A hipótese que subjaz ao objetivo é a de que ‘nem’, tal como ‘não’, representa, morfossintaticamente, o operador de polaridade negativa, acrescida, no entanto, de ênfase. Dessa forma, o objetivo é mostrar que não se trata de uma conjunção aditiva, como tradicionalmente é entendida, mas sim de um operador complexo que indica, ao mesmo tempo, intensificação, uma categoria interpessoal, e negação, uma categoria semântica.

1. *Nem* na literatura linguística

Etimologicamente, *nem* é proveniente do latim *nec*, um dos poucos juntores que restaram nas variedades vernáculas de latim, juntamente com *et*, *aut*, *magis*, *ca*, *post* (Nascentes, 1955). Na passagem para o português, sofreu apócope do –c e acréscimo de “m”, um efeito do “n” inicial, com sentido de “nem”, “não” e “e não” (HOUAISS, 2009).

Tradicionalmente *nem* tem sido considerado uma conjunção aditiva (Cunha; Cintra, 2001; Bechara, 2004), pois se entende que estabelece com um primeiro elemento uma relação de acréscimo, como em (01), entre as orações “não podia votar” e “ser votado”.

(01) não podia votar, **nem** ser votado. [CARleitorXIX1BA-15]

Neves (2000), no entanto, considera dois usos de *nem*: como advérbio de negação, exemplificado em (02), e como conjunção coordenativa, exemplificado em (03). Como advérbio, geralmente precedido de *e*, como em (04), está ao lado de *não*, que é o elemento básico de negação, e de outros elementos adverbiais negativos, como *nunca* e *jamaís*, que mesclam ideia aspectual e temporal.

(02) A patroa quer dar umas voltinhas, **nem** quer saber do jogo. (NEVES, 2000, p. 287)

(03) Mas como era sujeito distinto, não telefonou **nem** procurou pessoalmente Monticelli. (NEVES, 2000, p. 287)

(04) De sorte que não poderia, e **nem** deveria vir, no bojo de um mesmo processo, uma matéria fundamental, uma matéria urgente como a que V. Ex. se refere. (NEVES, 2000, p. 753)

1 6O Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) é constituído de *corpora* diacrônicos escritos no Brasil, nos séculos XVI, XVIII, XIX e XX. Trata-se de documentos de natureza variada: impressos e manuscritos, de esferas institucional pública, institucional privada e particular, textos manuscritos mais formulaicos e textos menos formulaicos.

Para a autora, *nem* é o único elemento de negação que, além de seu papel adverbial, pode ser usado como conjunção. No caso de (03), *nem* tem o mesmo papel de *e*, ou seja, é uma conjunção que marca uma relação de adição entre segmentos negativos coordenados, com significado básico de “e também não”. Como se pode observar, a autora considera *nem* um elemento complexo, pois indica acréscimo, por meio de *e* e de *também*, e negação, por meio de *não*. Afirma ainda que a diferença entre *e* e *nem* é que o segundo adiciona “segmentos negativos e privativos”, como em (05) e (06):

(05) Detetives não acharam rastro de Enrico **nem** da Bertolazzi. (NEVES, 2000, p. 752)

(06) Um homem de bem neste estado, sem saber como **nem** por quê! (NEVES, 2000, p. 752)

Segundo Neves (2000), ao adicionar elementos negativos ou privativos, *nem* tem um significado denso, marcado, o que favorece o emprego de palavras de reforço, como em *nem tampouco* (acrécimo), *nem mesmo* (inclusão) e *nem ao menos* (privação). A autora não esclarece, no entanto, a que se referem os termos “denso” e “marcado”. Reconhece ainda Neves casos de *nem* como elemento jutor aditivo em orações denominadas correlativas, conforme (07).

(07) **Nem** ela me ofereceu a mão da amizade e do bom conselho **nem** eu jamais respondi com quatro pedras na mão. (NEVES, 2000, p. 752)

Rosário (2009), assim como Neves (2000), considera que as denominadas aditivas com *nem...nem* são correlativas, diferentemente de Módolo (1999), que, ao tratar da correlação, não inclui essas construções.

Para Módolo (1999), a correlação é um “tipo de conexão sintática de uso relativamente frequente, particularmente útil para emprestar vigor a um raciocínio, aparecendo principalmente nos textos apologéticos e enfáticos” (MÓDOLO, 1999, p.3), e preferencialmente se presta a expressar opinião, defender uma posição, mais do que para informar acontecimentos com objetividade. Em frases correlativas, há uma relação de interdependência, ou seja, a estrutura das sentenças que se correlacionam está estreitamente vinculada por expressões conectivas, como mostra (08), em que *não só...mas também* ilustra um caso de correlação aditiva:

(08) Ao obrigar a rede de 2º grau a preparar seus alunos para essas provas, a UNICAMP deu uma contribuição decisiva *não só* para a renovação pedagógica nos bons colégios públicos e privados *mas, também*, para a própria transformação dos livros didáticos (...). (JT 27/05/93)

Rosário (2009) defende que as correlatas são marcadas em relação às coordenadas, com base nos seguintes argumentos: tendem a ser mais complexas em termos de estrutura, já que vêm aos pares, de forma interdependente; são bem menos frequentes (diferentemente do que aponta Módolo, 1999), e mais complexas do ponto de vista cognitivo, pois exigem maior esforço mental e demandam maior tempo de processamento.

Rodrigues (2014), por outro lado, descreve as construções com *nem...nem*, juntamente com *ora... ora, seja... seja*, inserindo-as no grupo das correlativas alternativas, pois, segundo a autora, o que é dito sobre a primeira oração não vale para a segunda, como em (09):

(09) quando foi lavar a boca assim na - olhou pro lado assim (vinha) um navio estava pertinho já daqui pra ali não tinha tempo de dos cara fazer nada *nem* ligar o motor / *nem* nada pra sair fora né o navio estava em cima já aí um um um falou assim ó pula n'água todo mundo. (RODRIGUES, 2014, p. 134)

Para Rodrigues (2007, 2014), na correlação, há uma relação de interdependência estrutural entre as duas orações, estabelecida por elementos formais que compõem um par correlativo, estando cada um de seus componentes em orações diferentes. A autora aponta as seguintes características da correlação: os conectores vêm aos pares, estando cada elemento do par em uma oração; as orações não são constituintes uma da outra e não podem ter sua ordem invertida. Concordando com Castilho (2010, p. 389, *apud* RODRIGUES, 2014, p. 130), Rodrigues considera que as correlatas alternativas diferem das demais correlatas, pois permitem a mobilidade das orações.

Em síntese, é possível perceber que os estudos sobre *nem* indicam que: i) pode ser um advérbio ou uma conjunção, conforme aponta Neves (2000); ii) como conjunção, pode estar em estruturas coordenadas ou correlatas (NEVES, 2000; ROSÁRIO, 2009; RODRIGUES (2014); e iii) a oração que encabeça é “marcada” (NEVES, 2000; ROSÁRIO, 2009).

2. Construções com *nem* no português

O material analisado, constituído de documentos escritos no Brasil, dos séculos XVII ao XX, mostra que *nem* ocorre em três diferentes tipos de construções no português, conforme demonstram (10), (11), (12) e (13).

(10) este pedante **nem** Logica estudou [CARleitorXIX1PE-4]

(11) Não lhe retribuimos na mesma moeda; **nem** transcrevemos taes escriptos [1CARedatorXIX1RJ-343]

(12) Para a hora da cea não chamava ninguém, nem queria assistencia de criado pera ella, **nem** pera o descalçar quando se deitava, **nem** pera o vestir quando se levantava. [XVII -A Camara e Governo da notauel Villa de Viana]

(13) **Nem** na noite passada **nem** nesta permitio otempo fazer observação alguma. [XVIII -Diário de viagem]

Em (10), a oração com *nem* não se encontra relacionada a outra oração, sendo, portanto, independente, cabendo a *nem* apenas o papel de advérbio de negação, conforme entende Neves (2000). Em (11), há duas orações independentes, “não lhe retribuimos na mesma moeda” e “nem transcrevemos taes escriptos”, e em (12), duas orações subordinadas finais reduzidas de infinitivo, “nem pera o descalçar quando se deitava” e “nem pera o vestir quando se levantava”. Em (13) ocorre a junção de dois sintagmas, “na noite passada” e “nesta [noite]”.

O tipo de construção com *nem* que mais tem recebido a atenção dos estudiosos é, sem dúvida, a de duas orações independentes combinadas, processo denominado de coordenação de orações, como exemplificado em (11).

Conforme se observa em (11) e a seguir em (14) e (15), uma exigência de *nem* em coordenação de orações, independentes ou subordinadas, é a de que haja um elemento negativo no primeiro membro da relação aditiva, como *não*, em (11); *ninguém*, em (14), e *nunca*, em (15):

(14) **Ninguém** ouviu, **nem** ousará *affirmal-o* que Luiz Fernandes requeresse protesto algum, que para tanto não chegaria o seo discernimento [CARleitorXIX1BA -15]

(15) Nas antigas Republicas, e mesmo nas Monarquias, **nunca** o Povo teve I representantes, **nem** semelhante tremo hera conhecido. [CARleitorXIX1PE-4]

Há ainda a possibilidade de esse elemento negativo do primeiro membro da coordenação ser a forma *nem*, como em (12) e (13), e assim formam-se estruturas com *nem...nem*, consideradas como correlação, por autores como Rosário (2009) e Rodrigues (2014).

Entendemos, porém, que, no caso de *nem*, a relação entre as duas partes não implica que a presença de um dos elementos prepara para a enunciação de outro. Assim, não se trata do caso de correlação descrito por Oiticica (1952), em que uma sentença estabelece uma relação de interdependência com a outra no nível estrutural. Nas construções com múltiplos *nem*, não há relação de interdependência

entre as orações, conforme demonstra (17).

(17) não tinha tempo de dos cara fazer nada **nem** ligar o motor / **nem** nada pra sair fora. (Rodrigues, 2009)

Como se pode perceber, o uso de *nem* não cria expectativa de acréscimo de um segundo elemento. Como mostra (17b), não se faz necessária a complementação com a segunda oração iniciada por *nem*, diferentemente do que ocorre com (18), com *não somente...mas também*, um exemplo de correlação dado por Módolo (1999).

(17) a. não tinha tempo de dos cara fazer nada **nem** ligar o motor / **nem** nada pra sair fora.

b. não tinha tempo de dos cara fazer nada **nem** ligar o motor.

(18) a. **Não somente** Marilda socorreu a pobre família, **mas também** adotou as duas órfãs.

b. * **Não somente** Marilda socorreu a pobre família

Evidentemente, as estruturas de (17)a e b, são diferentes. Pode-se perceber, no entanto, em (17a), a possibilidade de expansão com mais enunciados introduzidos por *nem*, como em (17c), o que demonstra tratar-se de coordenação n-ária por justaposição e não de estruturas correlatas.

(17) c. não tinha tempo de dos cara fazer nada **nem** ligar o motor / **nem** nada pra sair fora **nem** nada para continuar tentando se livrar do problema.

Essa propriedade de negação enfática de vários elementos é claramente observada em (19), em que ocorrem várias orações coordenadas por justaposição, iniciadas por *nem*: “per socorrer a duas companhias”, “pera armar os que podião seruir pera a defesa”, “pera se darem as moniçoens, & poluora”, “pera se pòr a artelharia onde fizesse danno ao inimigo”, “pera mais que pera saluar as vidas sem respeito das honras”:

(19) Bem se deixa ver a confusaõ, & tumulto em que ficaria aquella Cidade, entrada com tam subita força, & deixada com tanto desacrodo, desgouerno, & desbarate, que nem ouue prouidencia pera se impedir a desembarcaçõ, onde fosse de proueito; **nem** per socorrer a duas companhias, que a esse effeito mandaram: **nem** pera armar os que podião seruir pera a defesa; **nem** pera se darem as moniçoens, & poluora, a quem com fruto pudesse gastallas: **nem** pera se pòr a artelharia onde fizesse danno ao inimigo: **nem** pera mais que pera saluar as vidas sem respeito das honras, como por muytas cartas foy Sua Magestade bem auisado. [XVII Do fundamento que os Olandezes tiueraõ pera tratar]

Essas constatações nos levam a propor que *nem* não representa um juntor aditivo como comumente se afirma, o que será discutido nas próximas seções.

3. Pressupostos teóricos da GDF

A Gramática Discursivo-Funcional é um modelo teórico que privilegia a intenção comunicativa do falante ao fazer uso do sistema linguístico em situação de interação. A GDF propõe que o componente gramatical está em níveis (pragmático, semântico, morfossintático e fonológico), que se apresentam como autônomos, por contarem com categorias próprias, mas interdependentes, devido à possibilidade de motivações semânticas e pragmáticas determinarem a codificação morfossintática e fonológica.

Um pressuposto da teoria é a separação entre os processos de Formulação e Codificação na produção linguística. No primeiro processo, o foco é a especificação de configurações pragmáticas (denominadas interpessoais) e semânticas (denominadas representacionais), enquanto, no segundo, observam-se as configurações morfossintáticas e fonológicas, ou seja, as unidades formais que as configurações pragmáticas e semânticas acarretam em uma língua. A Formulação converte a intenção comunicativa e sua representação mental em representações interpessoais e representacionais, enquanto a Codificação transporta as representações interpessoais e representacionais para os níveis morfossintático e fonológico, configurando uma expressão linguística.

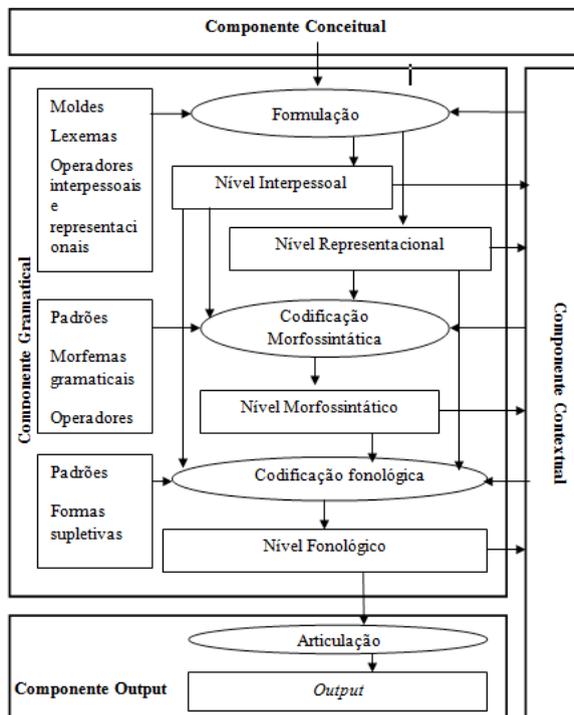
As relações de Formulação e Codificação encontram-se estruturadas em níveis que são representados hierarquicamente em organização descendente, que vai do discurso para a forma das expressões linguísticas; assim, a pragmática governa a semântica; a pragmática e a semântica comandam a morfossintaxe e, por fim, a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia.

Há quatro níveis de análise. Dois deles referem-se à formulação: o Nível Interpessoal diz respeito à interação entre Falante e Ouvinte e representa as ações linguísticas do Falante para conseguir seu objetivo comunicativo, cujo sequenciamento reflete a ordem das estratégias colocadas em prática para o falante atingir seu objetivo comunicativo, enquanto o Nível Representacional trata dos aspectos semânticos das unidades linguísticas, quer referentes ao modo como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve, quer aos significados de unidades lexicais, independentemente do modo como essas

unidades são usadas na comunicação. Os outros dois, o Nível Morfossintático e o Fonológico, dizem respeito à codificação, ou seja, têm como tarefa tomar o *input* duplo resultante da formulação dos níveis Interpessoal e Representacional e convertê-lo em unidades de conteúdo morfossintático (composição sintática e morfológica dos elementos linguísticos) ou fonológico (aspectos da codificação não abrangidos pelo Nível Morfossintático).

Os níveis também são hierarquicamente estruturados em camadas de vários tipos, em que a camada mais alta contém outra camada, que contém outra e assim sucessivamente. Cada camada tem obrigatoriamente um Núcleo, que pode ser restringido por um Modificador, especificado por um Operador e ter ainda uma Função. Núcleos e Modificadores constituem estratégias lexicais, já Operadores e Funções, estratégias gramaticais. Uma Função ocorre entre unidades da mesma camada, por isso é sempre relacional, enquanto um Operador se aplica a uma unidade em si mesma. A Figura (1) apresenta o layout da GDF:

FIGURA 1. Layout geral da GDF (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 13)



Os vários níveis de representação dentro da gramática alimentam o Componente Contextual, tornando possível subsequente referência a vários tipos de entidades relevantes introduzidas no discurso em cada um desses níveis. O Componente Contextual alimenta as operações de Formulação e Codificação, uma vez que disponibiliza antecedentes, referentes visíveis, e participantes do ato de fala que podem de alguma forma influenciar a composição do Ato Discursivo subsequente. O Componente Conceitual não faz parte da gramática, mas é a força motriz que está por trás do componente gramatical.

Os conceitos da GDF pertinentes para a análise do item *nem* serão mais detalhadamente discutidos na próxima seção.

4. O estatuto de *nem* no português

Em construções como (21), em que *nem* ocorre em uma oração independente, é possível perceber que o falante pretende negar enfaticamente o conteúdo comunicado “todos tem as mesmas posses”. Em outras palavras, estrategicamente ele intensifica uma informação que julga importante para atingir seu propósito comunicativo.

(21) Vossa mercê mesmo me acaba de dizer que a mocidade está entusiasmada, e que todos querem estudar; **nem** todos tem as mesmas posses; uns são ricos, outros pobres. [1CARleitorXIX1SP -217]

Na GDF, a intensificação, por meios lexicais ou gramaticais, de um constituinte ou de toda a expressão linguística é denominada Ênfase. A Ênfase refere-se a uma categoria pragmática que perpassa todas as camadas do Nível Interpessoal, já que configura uma estratégia a mais, utilizada pelo Falante para atingir seu propósito comunicativo. É exatamente isso que faz a partícula *nem* em (21): intensifica o constituinte que a segue.

Por vezes a Ênfase é vista como uma contraexpectativa, como em (22), em que o uso de *nem* intensifica a indignação do Falante por considerar que as leis já deveriam ter sido executadas. Nesses casos, *nem* pode ser substituído por *sequer*, como mostra o trecho em (22a), considerado pela tradição como indicador de ênfase.

(22) Mas terá o povo Pernambucano experimentado todo o bem, que esperar podia das quatro sessões passadas? Não tem elle visto com magoa gastar se tantas vezes o tempo precioso em questões innuteis, e mesmo dictadas pelo espirito de

partido? Não tem elle sentido o gravame de novas contribuições? Não tem elle conhecido a inutilidade da multidão de Leis, das quaes muitas *nem* executadas tem sido? [3CARredatorXIX1PER-20]

(22) a. Não tem elle conhecido a inutilidade da multidão de Leis, das quaes muitas *sequer* executadas tem sido?

Em estruturas de coordenação de sintagmas, como em (23), (24) e (25), o caráter de intensificador do segundo membro veiculado por *nem* pode ser claramente constatado.

(23) Havia de representar sua justiça allegando, que ao Donatario competia Quanto ao estilo da historia, & à lingoagem Portuguesa que leuo no discurso della, não tenho que me alargar em desculpas *nem* abonações, pois cada hum pratica conforme ao estilo, que lhe cõmunicou a natureza. [(XVII-Do fundamento que os Olandezes tiueraõ pera tratar)]

(24) Sua vitória, no entanto, estava longe de representar a vontade da maioria: só puderam votar homens maiores de 21 anos que não fossem mendigos, analfabeto, praças, *nem* padres. [1CAReditoriaisXX2PE-90]

(25) A copa, ou Aparador de estado, em que os vãos do mundo se revem (& às vezes com fausto mintiroso, porque acontece serem mais as dividas de seus donos, do que val tudo o que nelle enlea os olhos) era pera o Arcebispo hua banca seca da architectura das que cõtamos da sua camara sem toalha, sem vazo, *nem* prato, *nem* peça outra de prata. [XVII - Prologo do Avthor aos Leitores]

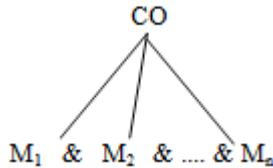
Em (23), *nem* nega enfaticamente o segundo membro da listagem (“abonações”); em (24), o termo *padres*, relacionado a vários outros anteriormente apresentados (*mendigos, analfabeto, praças*); em (25), é usado para negar os dois últimos termos (*prato, peça outra de prata*) dentre vários já negados anteriormente pela preposição *sem* (*toalha, vazo*), na listagem. No exemplo (25), *nem* e *sem* têm a mesma propriedade, a de negação, o que reforça a ideia de que *nem* não é uma conjunção.

Como já observado, é comum atribuir-se a esse elemento o papel de juntor aditivo, em uma relação de coordenação. No entanto, uma análise mais atenta permite observar o que segue.

A coordenação, segundo Dik (1997b) é um processo linguístico de *expansão* de uma estrutura em séries coordenadas de elementos similares. O seguinte esquema fornece uma representação formal desse processo:

$$\alpha \rightarrow \alpha^1, \alpha^2, \dots, \alpha^n \ (n \geq 2)$$

Essa representação opera sobre algum elemento α , expandindo-o numa série n-ária de elementos coordenados do mesmo tipo. Assim, a construção coordenada consiste em dois ou mais membros, funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por meio de mecanismos de ligação. Isso implica que nenhum dos membros de uma construção coordenada é subordinado aos demais, embora possam mostrar relações de dependência maior ou menor. Eles estão todos par a par e são membros iguais da coordenação (CO), tendo, portanto, equivalência funcional.



Isso significa que nenhuma unidade é constituinte da outra, quer dizer, cada uma pode ocorrer sozinha, mas a combinação delas constitui uma única unidade formal, podendo ser representada como em (26), em que cada *relatum* representa um membro da combinação e R, o mecanismo de ligação.

(26) [Relatum] R [Relatum]

As ocorrências de (11) a (13), repetidas aqui por conveniência, ilustram isso perfeitamente. Em (11), há duas orações independentes coordenadas, em que “nem transcrevemos taes escriptos” é uma expansão de “não lhe retribuimos na mesma moeda”, formando assim uma expressão composta por dois membros funcionalmente equivalentes. O mesmo ocorre em (12), em que há uma coordenação de duas orações subordinadas, pois “nem pera o descalçar quando se deitava” e “nem pera o vestir quando se levantava” se combinam para formar uma unidade formal. Nos dois casos, nenhuma das unidades é constituinte da outra. Esse mesmo processo de expansão ocorre em (13), entre os sintagmas “na noite passada” e “nesta [noite]”.

(11) Não lhe retribuimos na mesma moeda; *nem* transcrevemos taes escriptos [ICARedatorXIX1RJ-343]

(12) Para a hora da cea não chamava ninguém, nem queria assistencia de criado pera ella, nem pera o descalçar quando se deitava, *nem* pera o vestir quando

se levantava. [XVII -A Camara e Gouerno da notauel Villa de Viana]

(13) *Nem* na noite passada *nem* nesta permitio otempo fazer observaçaõ alguma. [XVIII -Diário de viagem]

Na GDF, a coordenação é entendida como um processo de expansão que ocorre no Nível Morfossintático, como consequência da junção de dois Atos Discursivos, no Nível Interpessoal. Em outras palavras, a coordenação ocorre na camada mais alta do Nível Morfossintático, a da Expressão Linguística. A Expressão Linguística refere-se a qualquer conjunto constituído de, pelo menos, uma unidade morfossintática, que pode ser Oração, Sintagma ou Palavra. No caso da coordenação, a Expressão Linguística é composta de duas ou mais orações independentes, que, no Nível Interpessoal, correspondem a Atos Discursivos, cuja combinação resultante constitui uma única unidade formal.

O Ato Discursivo é a menor unidade linguística do comportamento comunicativo que corresponde a uma unidade de entonação com diferentes graus de complexidade: é geralmente composto de uma Ilocução e de um Conteúdo Comunicado, e é emitido por um falante e dirigido a um destinatário. A Ilocução captura as propriedades formais e lexicais do Ato Discursivo que podem ser atribuídas ao seu uso interpessoal convencionalizado para alcançar uma intenção comunicativa. As intenções comunicativas incluem ações como chamar a atenção, afirmar, dar ordem, questionar, alertar, requerer etc., que podem determinar Ilocuções do tipo Vocativo, Declarativo, Imperativo etc.

Como se pode observar, em (11), há dois Atos discursivos, com ilocução declarativa, visto que o falante instrui o destinatário a adicionar o conteúdo comunicado à sua informação pragmática. Assim considerando, da perspectiva da GDF, apenas a ocorrência (11) constitui um processo de coordenação.

Casos como (13), por outro lado, sob o ponto de vista da GDF, ocorrem numa Expressão Linguística formada com a combinação de sintagmas e/ou de palavras, constituindo uma *listagem*. Dik (1989) denomina essa junção de coordenação de termos, e a entende como um modo abreviado e econômico de expressar que diferentes entidades se relacionam da mesma maneira com o predicado, permitindo manifestar dois estados-de-coisas com uma única oração. Visto que cada um dos termos estabelece uma relação independente com o predicado, esse tipo de coordenação pode facilmente ser explicado por multiplicação direta.

De qualquer forma, esses casos constituem expansão de elementos, orações ou sintagmas, funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural, por meio de mecanismos de ligação.

Retomando Dik (1997b), na coordenação, o mecanismo de ligação (R) pode não estar evidente, havendo, então, a colocação lado a lado de dois membros, sem qualquer conectivo, e separados por uma pausa, que se indica, na escrita, por vírgula, ponto-e-vírgula ou dois pontos, o que caracteriza a justaposição.

Como pode ser observado pelas paráfrases de (11), (12) e (13), em (11)a, (12)a e (13)a, a relação de adição entre os membros coordenados é efetuada por justaposição, sendo possível a inserção da conjunção *e* no lugar da vírgula para estabelecer, sem qualquer prejuízo, a relação aditiva pretendida.

(11) a. Não lhe retribuimos na mesma moeda *e nem* transcrevemos taes escriptos.

(12) a. nem pera o descalçar quando se deitava *e nem* pera o vestir quando se levantava.

(13) a. Nem na noite passada *e nem* nesta permitio otempo fazer observação alguma.

Como se observa tanto pelas paráfrases anteriores quanto por ocorrências como (27) e (28), *e* e *nem* podem co-ocorrer, o que sugere que *e* é o elemento juntor entre “naõ quero” e “nem me convem”, em (28), e entre “com 120\$ rês votados em 1848 para o material da Typographia Provincial” e “com 4\$960 rês despendidos com o concerto do prelo”, em (28). Dessa forma, resta a *nem* indicar apenas a negação, o que corrobora a afirmação de Neves (2000) de que *nem* é um advérbio.

(27) todavia naõ quero *e nem* me convem romper contra o mesmo, somente fundado em suspeitas; por isso desafio ao meu detractor para que saia de detràs do reposteiro que lhe prometto responder cathegoricamente, e desmascarar-o [1CARleitorXIX1CE -resposta a insultos recebidos]

(28) Está pois demonstrado que o tal contrato prejudicava os cofres Provinciales em ais de um conto e quinhentos mil rês; vê-se porém que nao contei com 120\$ rês votados em 1848 para o material da Typographia Provincial, *e nem* cois despendidos com o concerto do prelo, e mandados pagar por despacho de 30 de Julho, por que entao subis á 1.648\$960 réis. [1CarLeitoresXIX1SC]

Os exemplos mostram ainda que a co-ocorrência de *e* e *nem* pode ser observada tanto entre orações principais, conforme (27), como entre sintagmas, em (28), e também em orações independentes, como em (29):

(29) Em fevereiro de 1829 foi segunda vez reeleito Juiz de Paz desta Freguesia, jasendo molesto em uma cama unguido e sacramentado, sem esperanças de vida,

o que era notório a todos os seus comparochianos, e *nem* assim divergiram seus votos; verdade esta constante da Acta d'aquellas Eleições: e qual seria *Senhor Redactor*, o motivo de ser reeleito, como foi, senão a boa opinião publica, que este Juiz gosa nesta Freguesia? [CARleitorXIX1BA-15]

A possibilidade de substituição da vírgula por *e* e a co-ocorrência de *e* e *nem* sugerem que *nem* é, na verdade, um elemento de negação, seja de Estados-de-coisas, representados por orações, conforme exemplos anteriores, seja de outras categorias semânticas, como propriedade, indivíduo, lugar, modo, conforme exemplificam respectivamente (30), (31), (32) e (33):

(30) O que não pode *nem* deve é continuar a atual norma antiquada e retrograda, em que o fornecedor vende por preços bem elevados, porque tem no governo um pagador relapso por várias implicações [1CARredatorXX2CE]

(31) Eu nunca pedi utencilios para a minha Aua, *nem* caza ou alugueres para se pagar. [1CARleitorXIX1CE]

(32) O inventario continúa no mesmo, *nem* para traz *nem* para adiante, o que de certo não agrada muito aos credores. [Carta Leitor XVII PE -36]

(33) que eu naõ tenho tomado parte em dita revolta, *nem* directa *nem* indirectamente; e que, finalmente, pronunciei-me e pronuncio-me contra esse partido. [CARleitorXIX1PE-17]

O Estado-de-coisas é uma camada do Nível Representacional que pode ser localizada no tempo relativo e avaliada em termos de seu estatuto de realidade, já que pode ocorrer ou acontecer em algum ponto de um intervalo de tempo. Hierarquicamente abaixo do Estado-de-coisas, está a Propriedade Configuracional, não caracterizada em termos de tempo e espaço, uma vez que só pode ser avaliada em relação a sua aplicabilidade a outros tipos de entidades ou à situação que ela descreve, não tendo, portanto, existência independente. As demais categorias semânticas não são hierárquicas: indivíduo, entidade concreta, tangível, que pode ser localizada no espaço e avaliada em termos de sua existência, e lugar, tempo, modo, quantidade e razão, categorias em que os próprios nomes explicitam o valor semântico.

Como mostram essas ocorrências, uma propriedade importante de *nem* é poder negar Estados-de-coisas ou qualquer categoria semântica hierarquicamente inferior, o que não é possível com *naõ*, que só pode negar Estados-de-coisas ou propriedades. Note-se a impossibilidade de paráfrases com *naõ* em (31)a, (32)a e (33)a, casos de indivíduo, lugar e modo, respectivamente:

(31) a. *Eu nunca pedi utencilios para a minha Aua, não caza ou alugueres para se pagar.

(32) a. *O inventario continúa no mesmo, *nem* para traz não para adiante, o que de certo não agrada muito aos credores.

(33) a. *que eu não tenho tomado parte em dita revolta, *nem* directa não indirectamente; e que, finalmente, pronunciei-me e pronuncio-me contra esse partido.

Ao fazer uso de *nem*, em vez de *não*, o falante estrategicamente intensifica uma informação que julga importante para atingir seu propósito comunicativo. Como já observado, a essa estratégia a GDF denomina Ênfase. Em outras palavras, *nem* representa uma estratégia para enfatizar um Conteúdo Comunicado ou um Subato. É a essa propriedade de *nem* que os autores se referem ao afirmarem que construções com *nem* têm um significado “denso, marcado” (Neves, 2000) ou “é marcada” (Rosário, 2009).

De fato, ao comparar as orações em (30)a e b e (31) a e b, por exemplo, é possível verificar que as estruturas com *nem* são intensificadas em oposição às estruturas com *não*.

(30) a. *O* que não pode *nem* deve é continuar a atual norma antiquada e retrograda, em que o fornecedor vende por preços bem elevados, porque tem no governo um pagador relapso por várias implicações [ICARredatorXX2CE]

b. *O* que não pode (e) não deve é continuar a atual norma antiquada e retrograda, em que o fornecedor vende por preços bem elevados, porque tem no governo um pagador relapso por várias implicações.

(31) a. Eu nunca pedi utencilios para a minha Aua, *nem* caza ou alugueres para se pagar. [1CARleitorXIX1CE]

b. Eu nunca pedi utencilios para a minha Aua, não (pedi) caza ou alugueres para se pagar.

A categoria pragmática de Ênfase expressa por *nem* é claramente observada em estruturas como (34), em que fica evidente que o uso de *nem* representa a intenção do Falante de intensificar e não apenas de negar o conteúdo comunicado “esse pedante estudou lógica”, o que poderia ser feito por meio do operador *não*, como mostra a paráfrase em (34a):

(34) este pedante *nem* Logica estudou [CARleitorXIX1PE-4]

a. este pedante *não* estudou Logica.

Essas constatações indicam que *nem* representa uma categoria pragmática de intensificação e, ao mesmo tempo, uma categoria semântica, indicativa de polaridade negativa, tal como *não*. Em termos de GDF, essas duas categorias, formuladas respectivamente nos níveis Interpessoal e Representacional, são codificadas, no Nível Morfossintático, cumulativamente pela partícula *nem*. O que diferencia *nem* de *não* é justamente sua propriedade de operador de Ênfase. Dessa forma, pode-se afirmar que, no Nível Morfossintático, *nem* é uma partícula que mapeia o operador enfático de polaridade negativa e não uma conjunção aditiva, como é comumente considerada.

5. Considerações finais

Como observado na literatura, *nem* é considerado uma conjunção que está presente em estruturas coordenadas e correlatas, atribuindo um significado “denso”, “marcado” às estruturas das quais faz parte.

Este artigo propôs-se a discutir o estatuto desse item, apontando discordâncias em relação ao tratamento verificado na tradição linguística. Como se pôde observar, as orações com *nem* não são correlatas, visto que não há relação de interdependência entre elas nem criação de expectativa de acréscimo de um segundo elemento, como exigido pela correlação. Por outro lado, também não se pode afirmar que seja uma conjunção que relaciona aditivamente dois ou mais membros, visto que a ligação entre eles é efetuada por justaposição ou por meio da conjunção aditiva *e*.

Acreditamos ter deixado claro que *nem*, na verdade, expressa, no Nível Morfossintático, duas categorias gramaticais: uma do Nível Interpessoal, a Ênfase, e uma do Nível Representacional, a polaridade negativa. Em outras palavras, seguindo o modelo descendente da GDF, o operador de Ênfase e o operador de polaridade negativa, formulados respectivamente no Nível Interpessoal e no Representacional, são codificados no Nível Morfossintático pela partícula *nem*.

O que diferencia as partículas morfossintáticas *não* e *nem* é o fato de a primeira indicar apenas a categoria semântica de polaridade negativa, e a segunda, acumular dois significados, um interpessoal (Ênfase) e outro semântico (polaridade negativa).

Dessa forma, pode-se afirmar com certeza que *nem* não constitui uma função, geralmente mapeada, no Nível Morfossintático, por uma conjunção, como

tradicionalmente é definido na literatura. Em outros termos, não se trata de uma conjunção aditiva, mas de uma partícula que representa cumulativamente o operador de ênfase e o operador de polaridade negativa.

El estatuto de *nem* (*ni*) en la gramática del português

Resumen

Desde un punto de vista tradicional '*nem*' ('*ni*') ha sido considerada una conjunción copulativa, pues se comprende que establece entre elementos una relación de cópula. Desde un punto de vista etimológico, proviene del latín '*nec*', uno de los pocos enlaces que restaron en las variedades vernáculas del latín, aparte de '*et*', '*aut*', '*magis*', '*ca*', '*post*' (cf. NASCENTES, 1955). Según Neves (2000), '*nem*' ('*ni*') desempeña el mismo papel de '*e*' ('*y/e*'), es decir, se trata de una conjunción que marca una relación de cópula entre segmentos negativos coordinados, con significado básico de '*e também não*' ('*y tampoco/y también no*'). Como se observa, la autora considera '*nem*' ('*ni*') un elemento complejo que señala añadidura por medio de '*e*' ('*y/e*') y '*também*' ('*también*'), y negación, por medio de '*não*' ('*no*'). Este trabajo presenta como objetivo discutir el estatuto de ese elemento a la luz de la teoría de la Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), bajo la hipótesis de que '*nem*' ('*ni*'), de la misma manera que '*não*' ('*no*'), representa, morfosintácticamente, el operador de polaridad negativa, añadida, sin embargo, de énfasis. Para ello, se utiliza el corpus del Proyecto PHPB, constituido de documentos escritos en Brasil del siglo XVII al XX. Los datos analizados muestran que '*nem*' ('*ni*') puede darse en la relación de yuxtaposición entre actos discursivos o entre términos de distintas categorías semánticas y representa, además de la negación, una estrategia de intensificación, utilizada por el hablante para lograr éxito en su propósito comunicativo.

Palabras clave: *Ni*. Coordinación copulativa. Polaridad. Énfasis.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MÓDOLO, M. **Correlação: Estruturalismo versus Funcionalismo**. (Pré) publications: forskning og undervisning. Danmark: Romansk Institut, Aarhus Universitet, 1999.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OITICICA, José. **Teoria da correlação**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

RODRIGUES, V. V. Correlação. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, V. V. Correlação. Em foco a correlação. **Revista Diadorim**. Volume 16, Dezembro 2014.

ROSÁRIO, I. C. Construções aditivas: uma análise funcional. In: **Pesquisa em Linguística Funcional: convergências e divergências**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009. 1 CD ROM

Submetido: 30/03/2016

Aceite: 08/07/2016